

Rangel:

Receba lá os meus pesames pela morte do João Pinheiro. Talvez nem você saiba quem foi esse João Pinheiro. Pois foi o autor das razões do veto contra a lei anti-rabula, e da carta ao chefe de policia a proposito do comparecimento da força publica nas procissões. E ha ainda dele um manifesto politico. Inteirado dessas coisas, a tua ignorancia sobre o João Pinheiro se transformará em veneração. Essas tres peças fizeram-me considera-lo o unico homem em condições de na Presidencia da Republica ser um verdadeiro republicano. Senti mais a sua morte que a do Artur Azevedo. Uma desgraça nunca vem só, diz o povo. Não bastava o desaparecimento de Machado de Assis. Foi-lhe na peugada o Artur Azevedo e agora o João Pinheiro. Será possivel morrerem quasi ao mesmo tempo tres melhores homens? E houve nisso uma coincidencia. Machado de Assis era Diretor duma secretaria, e por sua morte foi promovido para o lugar o Artur Azevedo. Apareceu na repartição uma só vez. Parece lugar fatal. Tenho medo de que ponham lá o Euclides da Cunha...

Para onde vai você depois do mês de discursos? Sáí do collegio? Alguma promotoria?

O Nogueira, o Nogueira...

O *Problema* é uma ideia feliz, se é como eu a compreendi. Mas você ainda não se libertou inteiramente do subjetivismo e já antevejo a resolver o problema, sabe quem?... O Rodrigo...

Ando a remoer uma observação que fiz ha tempos e insiste. A forma perfeita é *magna pars* numa literatura. Não basta a ideia, como a reação contra o romantismo nos fez crer\_ a nós naturalistas. Ha erro em querer que predomine uma ou outra. É mister que venham de braço dado e em perfeito pé de perfectibilidade. Ha pelo Norte uns escritores de talento que só querem saber da ideia e deixam a forma p'r'ali. Eu tambem já pensei assim\_ que a ideia era tudo e a forma um pedacinho. Mas apesar de pensar assim, não conseguia ler os de belas ideias embrulhadas em panos sujos. Por fim me convenci do meu erro e estou a penitenciar-me. Impossivel boa expressão duma ideia se não com otima forma. Sem limpidez, sem asseio de forma, a ideia vem embaciada, como copo mal lavado. E o pobre leitor vai tropeçando\_ vai dando topadas na má sintaxe, extraviando-se nas obscuridades e impropriedades. E se é um leitor decente, revolta-se com os relaxamentos á Silvio Romero, os pequeninos atentados ao pudor da lingua\_ e com todas essas revoltas e extravios e topadas perde o fio da ideia e acaba com a sensação do caotico. Acho a lingua uma coisa muito seria, Rangel. Como a nossa mãe mental.

A forma de Silvio Romero e outros nortistas, Rodolfo Teofilo, Manuel Bonfim, etc., lembra-me uma estrada de rodagem sem pavimentação, toda cheia de

buracos e pedras, e difícil de caminhar a cavalo\_ porque ler é ir o pensamento a cavalo na impressão visual e outras. Machado de Assis me dá a ideia duma estrada de macadam onde o nosso cavalo galopa tão maciamente que nem mais atentamos na estrada. Nos outros não tiramos os olhos da estrada, tais os perigos e a buraqueira\_ e como ha de ver a paisagem marginal quem vai de olhos pregados no chão? O mau português mata a maior ideia, e a boa forma até duma imbecilidade faz uma joia.

O “diabolo” já é meu conhecido. Cheguei mesmo a ganhar um 1º premio lá em S. Paulo, num concurso em familia, com 160 diaboladas sucessivas. É jogo interessante no começo, enquanto a gente progride. Depois monotoniza-se e enjoa. Ficamos tão habéis que lançavamos o diabolo a grande altura.

O Tito tem faro de perdigueiro. Depois que descobriu o plagio daquele senador Abranches, entregou-se ao esporte\_ diz que está na pista de outros plagios ainda mais lindos.

Ando perdendo o gosto pela leitura e ganhando ultragosto pela carpinteiragem, pela horta e outras coisas manuais. Enchi-me de ferramentas e passo as horas fazendo jardineiras, mesas toscas, divãs estofados, molduras para quadros. Tambem pinto muito. Aquarelas como sempre. A razão de preferir a aquarela ao oleo é que com este sujo-me todo, inclusive a ponta do nariz. Vou mandar-te um mar. Vivo aqui entre montanhas e pois muito sem horizontes\_ e sempre com grandes saudades dos horizontes marinhos. E pinto mar como derivativo. Invento mares, aquarelas de mar, com bases em pequenos estudos feitos no Guarujá. Invento mares para sentir o horizonte. O horizonte faz bem á alma. E quanto a escrever, nada de nada de nada. Só estas cartas, de quando em quando.

LOBATO